

PALECO

JUIZ DE FORA, NOVEMBRO. 2013. ANO VI. Nº 37

LEITURA NA INFÂNCIA A SEDUÇÃO DA PALAVRA

Jardim secreto, Bisa Bia, bisa Bel, Marcelo, marmelo, martelo, O menino maluquinho, Menina bonita do laço fita, A bruxinha atrapalhada, A terra dos meninos pelados... Se você reconheceu algum desses títulos, é porque a leitura de alguma maneira fez parte da sua infância ou porque procura fazer com que as crianças ao seu redor tenham contato com ela. Hoje em dia, porém, a tecnologia trouxe alguns "competidores" para a leitura. Videogames, computadores, tablets estão cada vez mais atrativos e vêm dividindo com os livros a atenção das pessoas e, em especial, das crianças.

De acordo com a última pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, publicada pelo Instituto Pró-livro em 2012, a leitura está em 7º lugar na lista das principais atividades desenvolvidas no tempo livre pelos entrevistados – depois de assistir à TV, ouvir música e ver vídeos, entre outras.

duzi-las pela palavra escrita, emocioná-las, transformá-las, e as tecnologias têm sido aliadas nessa experiência, pois, se elas não estão com os livros em mãos, podem buscar os textos nos *tablets*, celulares. Aí, vemos que as tecnologias e a leitura têm estabelecido uma boa convivência, são complementares e não antagônicas, como muitos acreditam". As próximas edições já confirmadas do *Leitura no campus* ocorrerão em 17 de novembro e 8 de dezembro.

ESTÍMULOS

O escritor juiz-forano Édimo de Almeida Pereira, autor de livros infanto-juvenis como *Sabugo: o porquinho que descobriu o sabonete*, percebe que os jovens têm se interessado mais pela leitura. Para ele, que também é pro-



NESTA EDIÇÃO

MEMÓRIA DIGITAL
IMPACTO AMBIENTAL

JUIZ DE FORA
EM LETRAS E IMAGENS

ENTREVISTA
O CINQUENTENÁRIO
DE JOSÉ LUIZ RIBEIRO

LASAR SEGALL
GRAVURAS NO MAMM

Navegar na internet está em 8º, e jogar videogames, em 15º, mas a pesquisa registra tendência de queda para a leitura e de ascensão da internet, comparativamente aos indicadores do levantamento anterior, de 2007.

De acordo com Fernando Franco, escritor e dono da Editora Franco e da livraria Arco-Iris, especializadas no público infanto-juvenil, a presença da tecnologia não elimina os livros: "Quando eu tinha 10 anos, a TV chegou ao Brasil, e não matou o rádio; assim como o computador não matará o livro", assegura. Para o livreiro, é importante que a criança seja despertada para a leitura como uma atividade interessante. A escola que estabelece uma leitura obrigatória para uma prova posterior, castiga a criança obrigando-a a ler ou faz da biblioteca um lugar de exclusão transforma a leitura, segundo ele, em algo indesejado. Com seu projeto *Como se faz um livro*, Fernando Franco aposta numa leitura prazerosa e incentiva nas crianças a curiosidade sobre a produção de um livro e, conseqüentemente, a vontade de lê-lo.

Realizado pela Pró-reitoria de Cultura em parceria com a Faculdade de Pedagogia e o Centro de Difusão do Conhecimento, o projeto *Leitura no Campus*, voltado principalmente para crianças entre 3 e 12 anos, estreou em outubro com o objetivo de incentivar, fora da obrigação escolar, o hábito da leitura de forma divertida, e também estreitar a relação das crianças e suas famílias com os livros e, por meio dessa experiência, ampliar as vivências com o literário, o estético, o lírico.

Para a professora Suzana Lima, coordenadora do projeto ao lado do Pró-reitor Gerson Guedes, as crianças e os jovens têm dedicado mais tempo à leitura: "Vejo crianças lendo *Harry Potter*, *Crônicas de Nárnia*, *Senhor dos Anéis* e outras sagas, e somos surpreendidos, porque elas estão lendo livros de 500 a 700 páginas. Acho que é importante se-

fessor do 6º ao 9º anos, as escolas hoje estão mais preocupadas em estimular o gosto, e não o hábito da leitura, para não transformar algo prazeroso em monótono e desagradável. Édimo acredita que os estímulos infantis são diferentes dos estímulos adultos e que, no Brasil, o primeiro escritor a perceber a necessidade de mudanças na literatura infantil foi Monteiro Lobato, que, além de autor, foi editor e trouxe cores e ilustrações para os títulos infantis, gerando mais interesse e curiosidade nas crianças.

Como ressalta Suzana Lima, hoje, a produção literária dos escritores e ilustradores brasileiros de literatura infantil se iguala à melhor produção internacional do gênero. Porém, essa produção continua desconhecida do grande público brasileiro. Mãe de quatro crianças entre 8 e 12 anos, Suzana destaca o papel da família no processo: "Penso que, para atrair as crianças para a leitura, precisamos presentear-las com livros, levá-las para passear nas livrarias, bancas de revistas e jornal, lojas de livros usados e, principalmente, nas bibliotecas".

De acordo com a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, depois dos professores, os pais são quem mais influenciam crianças e jovens a ler – com papel destacado para a mãe. Segundo Suzana, além de facilitar o acesso das crianças a espaços de leitura onde poderão interagir com prazer com acervos de qualidade, é necessária uma mediação capaz de sensibilizar e promover o interesse pelos conteúdos. "Por isso, é fundamental ler para crianças, compartilhar nossas experiências de leitura, falar sobre o que já lemos, se gostamos ou não, buscar os lançamentos, mas também ler os clássicos. Podemos escolher um título engraçado ou uma história bem ilustrada para despertar o interesse de folhear o livro e deixar que falem ou desenhem sobre as histórias que leem, estimulando a interpretação e a formação de ideias."

Raíra Garcia



JUIZ DE FORA OLHAR POÉTICO

Um olhar poético sobre Juiz de Fora é um apanhado de textos de autores da cidade, selecionados e analisados pelas pesquisadoras Leila Barbosa e Marisa Timponi. O livro, lançado no final de outubro, conta com ilustrações da artista plástica Valéria Faria e prefácio do historiador Toninho Dutra, superintendente da Funalfa.

A proposta das organizadoras é mostrar locais emblemáticos da “Princesinha de Minas” por meio de textos poéticos. Marisa Timponi explica que “não foram selecionados os autores e, sim, os espaços. Se um autor escreveu um texto sobre aquele lugar, ele foi selecionado”. Mas o livro não trata apenas dos lugares mais conhecidos, como o Morro do Cristo e o Parque Halfeld. Eventos como o carnaval e tradições folclóricas também são temas abordados pelos autores integrantes da seleção.

Escritores, poetas e jornalistas de épocas diversas, como Belmiro Braga, Murilo Mendes, Machado Sobrinho, José Luiz Ribeiro, Cristina Musse e Rodrigo Barbosa são alguns dos 55 autores com textos reunidos no livro. Apesar do grande número de escritores representados, muitos ainda ficaram de fora e devem integrar uma segunda edição de *Letras da Cidade* – obra de proposta semelhante também organizada por Leila e Marisa. Parte de um trabalho de resgate da história literária da cidade, essas obras são o resultado de uma paixão incondicional por Juiz de Fora. “Nós estamos fazendo um trabalho de recuperação patrimonial e do sentimento de amor pela terra”, afirma Marisa.

Apesar do título, *Um olhar poético sobre Juiz de Fora* não traz apenas poemas, mas também textos em prosa que configuram uma vi-

são lírica sobre a cidade. O sentimento de amor por Juiz de Fora fica expresso nos textos do livro de Leila e Marisa e também nas ilustrações da artista plástica Valéria Faria, que mescla fotos da cidade e ilustrações de elementos variados, como desenhos de flores, animais, insetos, objetos, personagens alegóricos e míticos, numa verdadeira bricolagem de referências. “Tive muita vontade de trabalhar com fotografias antigas de Juiz de Fora que considero um dos nossos bens maiores”, comenta a artista. Ela também procurou passar para o trabalho um pouco de seu próprio imaginário e de suas referências pessoais, que são múltiplas e radicalmente variadas. “Sou muito devota de Frida Kahlo, de Gianini Versace, Pedro Almodôvar e de muitos outros nomes da cultura local e mundial, tudo junto e misturado; da Feira da Avenida Brasil, da Getúlio Vargas e de todos os armazinhos da cidade”, completa a artista.

A partir de *Um olhar poético sobre Juiz de Fora*, os leitores descobrem uma cidade que se liberta dos problemas e se apresenta rica culturalmente. “Me preocupa muito se as pessoas que não são daqui lerem o livro... porque depois disso todos vão querer morar aqui”, brinca Leila Barbosa. As organizadoras compartilham da opinião sobre essa riqueza cultural. “Só assim é possível produzir uma obra como essa”, conta Leila. Marisa Timponi nasceu em São Geraldo (MG) e se apaixonou por Juiz de Fora assim que chegou aqui. “É uma cidade que me encanta, não é a mesma de quando cheguei, mas é uma cidade que ainda exporta talentos da cultura”.

Rômulo Rosa



MEMÓRIA DIGITAL X MEIO AMBIENTE



“As memórias de vocês vêm do coração da Terra, não das nuvens”, afirma a diretora do Departamento de Cultura, Mídia e Atividades Criativas no King’s College, de Londres, Anna Reading, referindo-se ao suporte físico que sustenta a circulação digital de informações global, tema de sua conferência *Memória no espaço digital: materialidade, protestos e memória*, realizada no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) durante sua breve passagem pelo Brasil em outubro.

Anna destacou dois aspectos do armazenamento em nuvem, o primeiro ligado às possibilidades da memória digital, e o segundo,

às demandas materiais que sustentam o armazenamento de informações de toda a rede mundial de computadores. Segundo a pesquisadora, a memória digital se caracteriza, sobretudo, pela possibilidade de criação de uma memória mutável, definida a partir da possibilidade de exclusão ou não dos dados postados. Do ponto de vista histórico, “essa propriedade serviu, primeiro, para construção de histórias institucionais, mas, hoje, com a facilidade digital, também serve aos indivíduos para construção de sua própria memória digital”, afirma. Na lista de formas de registro digital, Anna contabiliza desde fotos de ultrassons até histórias de grandes organizações. “Tudo o que selecionamos para fazer parte da memória permanece na nuvem, mas as consequências são perceptíveis na terra.”

A terra de que fala a autora é a faceta empírica do processo de armazenamento de dados na nuvem. Ela explica que cada fração de informação é armazenada em estruturas chamadas de *server farms*, ou fazendas servidoras, que, apesar de remeterem, por seu nome, a uma prática natural, assemelham-se a indústrias no modo de operar. Os problemas começam pela necessidade de energia para sustentar essas construções, que ultrapassa a quantidade exigida para sustentar uma pequena cidade e se equipara à descarregada por tempestades eletromagnéticas.

Além disso, há a aquisição de matéria-prima: o minério utilizado na fabricação de mídias não é o mais eficiente, e o seu processo de extração é responsável pela devastação de áreas de preservação ambiental. As atividades que envolvem o armazenamento de informações não apresentam apenas desvantagens ambientais, mas também sociais. Autora de trabalhos como *The Inheritance of the holocaust: gender, culture and memory* (2002) e *Save as...digital memory* (2009), Anna investiga como os aparelhos digitais e as mídias sociais mudam as práticas de memória humana através do que ela conceitua como *global memory* – numa tradução livre, memória global. O termo agrega à palavra “global” o vocábulo “bit”, unidade básica de memória digital, e se refere à produção global de informação na nuvem, considerando as partes teórica e empírica. “*Global memory* não é abundante, não é barata, não é limpa”, alerta a pesquisadora. “Cada vez que você entra no facebook, é envolvido em uma cadeia de *commodities* que causa impacto ambiental”.

Considerando a dificuldade de se criar medidas que mudem essas práticas novas, mas já arraigadas, Anna Reading sugere métodos que atenuem os impactos, como a utilização do európio, minério mais eficiente do que o utilizado hoje, um cuidado maior com áreas de preservação e uma preocupação geral com esse problema a fim de que uma solução seja encontrada.

Hugo Queiroz



Foto: Jesualdo Castro

ENTREVISTA JOSÉ LUIZ RIBEIRO

Um cinquentenário celebrado em múltiplas faces. Jornalista, escritor, ator, figurinista, cenógrafo, iluminador, artista plástico e compositor: um homem de teatro. Esse é José Luiz Ribeiro, que recebeu o *Palco* no Fórum da Cultura, espaço que abriga o Grupo Divulgação, para falar de suas origens, sua trajetória e seu legado. Este mês, ocorre também o lançamento do livro que comemora as bodas de ouro de carreira do juiz-forano que dedicou sua vida à arte. O resultado desta entrevista você confere a seguir.

Fale sobre suas origens. Como foi sua infância?

Eu fui uma criança que teve quintal. Minha casa tinha árvores frutíferas, eu subia para comer goiaba, pegar laranja, pegar pêssego. Meu pai era viajante, minha mãe, do lar, todos portugueses. Então, a minha cultura tem uma parte europeia e tem uma parte muito brasileira, porque, naquela época, as empregadas que vinham da roça contavam as histórias do Saci Pererê, do Curupira, e a gente, criança, ficava com olho arregalado. Além disso, era a época áurea do rádio, e o rádio indiscutivelmente contribuiu para você ter muita criatividade e imaginação porque, enquanto ele está narrando, você tem que imaginar.

Como foi o início do Grupo Divulgação?

O ano era 1965, um momento muito efervescente, porque a Faculdade de Filosofia possuía várias semanas, semana da história, semana da literatura brasileira, semana da literatura portuguesa. O professor Murílio de Avelar Hinguel era um diretor jovem e ele fomentou muito esse trabalho. A gente [os universitários] se reunia aos sábados para estudar teatro. Quando alguns professores descobriram, pediram para montar um espetáculo. Aí, de repente, a gente fez *Amor em verso* e *canção*, que nós apresentamos na escola de laticínios Cândido Tostes, na Semana do Laticinista. Aí foi o começo, e hoje já são 245 direções e 137 textos.

O que o Grupo Divulgação representa na sua vida? Defina o que você fez durante esses 50 anos em poucas palavras.

O Robson Terra tinha uma definição que é muito própria: o seu estandarte e a sua cruz. E é exatamente isso. Tem aqueles momentos gloriosos, mas tem momentos que são muito pesados, porque, a bem da verdade, deixei muita coisa na minha vida por causa do Divulgação. O Divulgação, nesse sentido, me tolheu um pouco, mas eu acho que a resposta foi muito boa.

E o que te motivou, em tempos difíceis, a não abandonar o teatro?

Teimosia. Por exemplo, quando falaram que o texto *A Morta*, de Oswald de Andrade, era impossível de ser montado, nós montamos e fizemos o maior sucesso. O que eu acho importante é continuar fazendo. É acreditar no teatro. Eu sempre falo que o teatro é a minha forma de estar com Deus. As três coisas que eu fiz a vida inteira me deram muito prazer: teatro, educação, comunicação. Quando eu estou escrevendo um texto, eu sou jornalista; quando eu estou na sala de aula, eu sou ator; e, quando eu estou no palco, eu sou professor. Porque o teatro sempre tem uma forma de afetar as pessoas.

Como foi a chegada e a permanência do grupo no Fórum da Cultura?

Isso foi uma coisa maravilhosa. Antes de vir para o Fórum, nós ficamos seis anos perambulando. Em 1971, o professor Gilson Salomão, que era o reitor, e uma comissão selecionaram as entidades que viriam para o Fórum da Cultura, e entre elas estávamos nós. Das entidades que vieram para cá, só sobrou o Divulgação e o Coral. Eu tinha um sonho. O Fórum era simplesmente um anfiteatro da faculdade de direito. Mostrei um projeto que eu tinha feito, de teatro, ao reitor Gilson, e ele



Foto: Márcia Falabella

aceitou. O doutor Gilson era um administrador: "ou é ou não é"; ele não tinha aquele negócio de fazer um projeto, de ir conversar. Com ele era fazer ou não fazer. Ele fez.

Como foi trabalhar com teatro na época da ditadura?

Nós fizemos o que queríamos fazer. Em 1972, [o presidente] era o Médici, absolutamente pesado. Eles anunciaram que a Semana de Arte Moderna era a independência nas letras e nas artes. Então, montamos *A morta*, de Oswald de Andrade, que era uma paulera em termos políticos. Em 1968, nós estávamos com *Electra*, de Sófocles, quando cai o AI-5. Nós tivemos *O diário de um louco proibido*, de Gogol, na noite da estreia. É muito duro você ensaiar, e na hora falarem que não pode. A gente entrou com o pedido, eles fizeram vários cortes, e fizemos com os cortes.

Havia crítica de teatro em Juiz de Fora nessa época? Como vê o papel da crítica?

A pessoa que escrevia sobre teatro naquela época era eu. Eu nunca fiz questão de fazer crítica. Inspirando-me no Paschoal Carlos Magno, eu achava que, quando você faz crítica de um grupo que está começando, você pode marcar aquele grupo de maneira muito amarga. Eu acho importante ter crítica, mas tem que ter muito conhecimento para ser crítico. Não pode ser achei, não gostei ou gostei. A crítica tem que ser construtiva.

O que acha da política cultural atual?

Eu anseio para que tenha. Porque o que eu vejo sempre é política de evento. A estrutura da política de eventos está muito ligada ao momento que nós estamos vivendo. E que momento é esse? É o momento do consumo, você olha que o Brasil teve uma modificação monstruosa de uma hora para a outra, uma classe que emergiu na classe média do consumo. O grande problema é a falta de investimento na educação. As pessoas estão sem lastro.

Fale sobre o seu cinquentenário e o lançamento do livro *José Luiz Ribeiro – 50 anos de teatro*.

Em primeiro lugar, vamos dizer que o livro não é meu. O livro é da Ieda Alcântara, do Oswaldo Alvarenga e do Tadeu Costa. Eu sou o objeto do livro. Eu escrevi alguns textos. Mas, antes, fui para São Paulo, para o Museu da Pessoa, com o José Santos, que me fez uma longa entrevista. Aí o Rodrigo Barbosa escreveu a minha história, e depois eu vou pontuando algumas coisas. O livro é de arte, então ele tem uma história visual muito grande do Grupo Divulgação, porque nós temos muitas peças. Eu fico devedor à Ieda, ao professor Henrique Duque [reitor], que acolheu o projeto. Esse livro é um livro de alta qualidade, e pelo qual só tenho a agradecer.

Por que a decisão de montar Molière neste momento?

A história de Molière é uma história que me encanta. Largar a advocacia para se aventurar numa corrida louca que é o teatro, naquela época, é uma coisa que me apaixona. Ser preso por dívidas por causa do teatro é uma história fabulosa. Depois, o encontro dele com a *Commedia dell'Art*, quando começa a criticar as pessoas e a sociedade de época. Eu me identifico muito com ele. E, aos 50 anos de teatro, poder fazer o Argan, é como se eu tivesse pontuando para trás, porque, lá pelos anos 70, eu fiz *Escola de Mulheres*, o Arnolfo, o velho enganado. Depois, eu fiz *Jordan*, de *O burguês fidalgo*, outro velho enganado. E, agora Argan, ou seja, agora eu estou um velho, fazendo um velho enganado, e talvez tenha sido enganado também pelo teatro.

Como você se definiria?

Geminiano, de 22 de maio, protegido por Santa Rita de Cássia, protetora das causas impossíveis. Só ela que me ajuda.

Jefferson Oliveira

AGENDA

UFJF | PROCULT

Rua José Lourenço Kelmer, s/n
Campus Universitário
(32) 2102-3965
www.ufjf.br/procult

EXPOSIÇÃO

Depois da chuva, de Marcellene Ladeira, e *Objeto sujeito*, de Tonil Braz
Saguão da Reitoria (Campus)
De 07 a 29 de novembro

CINE-THEATRO CENTRAL

Praça João Pessoa, s/n
(32) 3215-1400
www.theatrocentral.ufjf.br

02, 18h Festival de Dança
Movimente

09, 21h30 Tim Maia - Vale tudo,
o Musical

15, 20h A bela e a fera (Academia
Over Jazz)

23, 19h30 Amazônia, majestade
do mundo (Studio Viva Dança)

24, 19h30 Fábio Porchat - Fora do
Normal

MAMM

MUSEU DE ARTE MURILO MENDES

Rua Benjamin Constant, 790
(32) 3229-9070
www.ufjf.br/mamm

Terça a sexta: 9h às 18h

Sábados e domingos: 13h às 18h

EXPOSIÇÕES

08, 20h Abertura Naitan – Fotos
de Gui Galembeck
Galeria Poliedro

Antanas Sutkus – Um olhar livre
Galeria Convergência

Até 26 de novembro

Poesia da linha e do corte – Lasar
Segall

Galeria Retratos-Relâmpagos

Até 26 de novembro

II ENCONTRO DE EDUCADORES DE MUSEUS BRASILEIROS

26, 19h Melina Almada – Museu
de Arte do Rio - MAR

FESTIVAL DE ARTES DO CORPO – FAC

08, 09, 10, 9h

PRÓ-MÚSICA

Av. Barão do Rio Branco, 2.329
(32) 3216-4787
www.promusica.org.br

EXPOSIÇÃO

11, 20h Abertura da exposição
Espectáculos de arte, de Aline
Carvalho

Galeria Renato de Almeida do
Centro Cultural Pró-Música/UFJF

CLÁSSICOS PRÓ-MÚSICA

12, 20h Luis Carlos Barbieri
(violão)

Teatro Pró-Música/UFJF

FÓRUM DA CULTURA

R. Santo Antônio, 1112
(32) 3215-3850

EXPOSIÇÕES

05.11 a 01.12 Santos protetores
Museu de Cultura Popular

05.11 a 01.12 José Luiz Ribeiro –
50 anos de teatro, Galeria de Arte

TEATRO

De quarta a domingo, às 20h30
O doente imaginário, de Molière
(adaptação de José Luiz Ribeiro)
Grupo Divulgação



Cabeça de negro, 1929, Xilogravura(20x15cm)



Emigrantes com lua, 1926 Xilogravura 24 5 x 18cm



Cabeça de negra, 1929, Xilogravura (28x18cm)

LASAR SEGALL SOMBRA E LUZ

A exposição *A gravura de Lasar Segall – Poesia da linha e do corte* é atração, até 29 de novembro, na Galeria Retratos-Relâmpago do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM). Organizada em parceria com o Sesc, a mostra conta com 35 obras – 16 gravuras em metal e 19 xilogravuras – e apresenta um panorama das produções de Segall, datadas do período de 1913 a 1930. O visitante pode acompanhar três momentos distintos da vida do artista: o primeiro em sua cidade natal, Vilnius, capital da Lituânia; o segundo através suas impressões na viagem de mudança da Europa para o Brasil; e, por fim, o terceiro momento, no qual o artista revela cenas do cotidiano da vida urbana e do subúrbio do Rio de Janeiro na década de 20.

De acordo com a curadora da exposição itinerante, Marcela Yoko, as peças da fase lituana, compreendida aproximadamente entre 1913 e 1919, são um reflexo nítido do ambiente espiritual europeu. “O vazio existencial presente nas gravuras retrata, de forma poética, todo sofrimento de um povo. O forte contraste entre preto e branco cria um ar sombrio, que transfere para o público o sentimento existente naquela fase de sua vida.”

Ainda de acordo com Marcela, o uso da xilogravura, propositadamente, reforça o aspecto melancólico deste período. “Na xilogravura, a madeira funciona como um carimbo. O desenho é entalhado, logo em seguida é pintado e, depois, é sobreposto em uma superfície de papel. Os locais em relevo acumulam mais tinta; por essa razão, quando impressa, a gravura é formada por traços fortes e precisos, marcadamente contrastantes, reforçando ainda mais o tom pesaroso que obra expressa.”

Foi por obras como essas que Lasar Segall ficou famoso como um dos mais importantes nomes da segunda geração do expressionismo europeu. No entanto, o artista ainda passaria por grandes mudanças em seu trabalho. Nesse sentido, os outros dois períodos retratados na mostra são sintomáticos. Nas peças que retratam as impressões de viagem, o artista faz uso de linhas suaves e sinuosas para representar as curvas do navio, o mar e as gaivotas. Nesse contexto, o cotidiano dos marinheiros e a náusea dos passageiros também servem de inspiração para o trabalho de Segall.

Já nas gravuras da terceira fase, é possível destacar dois elementos, o primeiro relacionado ao conteúdo, e o segundo, à técnica. O centro de atenção desse período gira em torno da paisagem e da população da região do Mangue, atual Vila Mimosa, no Rio de Janeiro. Essa área, conhecida por ser habitada por prostitutas, se formou a partir do desembarque de mulheres em fuga da Primeira Guerra Mundial que chegavam ao país sem dinheiro nem marido. No trabalho de Segall, esse ambiente ganha certa leveza. A principal causa da sublimação desta circunstância reside especialmente no uso da técnica da gravura em metal.

Em contraposição à técnica da xilogravura, na qual as imagens são carregadas na tinta, a gravura em metal funciona em sentido analogamente oposto. Primeiro, o artista “arranha” o metal formando o desenho, depois tinge toda a lâmina que, em seguida, é limpa. Ao final do processo, resta apenas tinta nas pequenas gretas formadas pelo

corte inicial. Desse modo, quando impresso em papel, o desenho é formado pelos traços suaves da tinta. Do ponto de vista da técnica, o desenho ganha em luminosidade, e, do ponto de vista do conteúdo, a luz eleva o tema ao trágico.

Esta sobreposição de contrastes exposta na mostra ao longo das diferentes fases não é casual. Há, na obra de Lasar Segall, uma continuidade e uma ruptura. Os aspectos trágicos da vida humana estão presentes em todo o trabalho; por outro lado, a maneira como ele aborda essa questão muda substancialmente de acordo com o ambiente. Enquanto nas obras da fase europeia predomina o aspecto lúgubre, na fase brasileira o trabalho ganha em cores e fulgor. Esse desenvolvimento deve-se, em grande parte, ao contato com o ambiente estético e cultural brasileiro. Para Marcela Yoko, essa obra “é carregada de brasilidade, mas não deixa de ter referências europeias e da guerra. A busca por captar os que estão à margem da sociedade e fazê-los serem vistos continua presente em suas obras”.

MILAGRE

Segall pisou em terras brasileiras, pela primeira vez, em 1912 para visitar seus irmãos que moravam no país. Em 1924, mudou-se, ao lado de sua primeira esposa, para São Paulo. Essa mudança de um país frio e destruído pela guerra para um país de clima tropical fez com que suas obras ganhassem uma nova forma. Foi aqui que, de acordo com suas próprias palavras, descobriu o “milagre da luz e da cor”. Nessa fase, as misturas étnicas do povo brasileiro e a vegetação exuberante foram bem representadas em sua pintura, e a mudança de personagens é visível. Obra exemplar dessa fase é a série dedicada à região do Mangue.

Entre o período de 1925 a 1931, Lasar reveza moradia entre a América do Sul e a Europa, fixando definitivamente residência no Brasil a partir de 1932. A partir de então, produz trabalhos que são referência para o modernismo brasileiro, tais como a série sobre Campos do Jordão e famosos retratos da intelectualidade brasileira, como o da pintora Lucy Citti Ferreira e o do escritor Mario de Andrade, entre outros. Além disso, um catálogo com uma retrospectiva de sua carreira é produzido pelo Museu Nacional de Belas Artes em 1943, com textos de Manuel Bandeira, Jorge de Lima e Mário de Andrade. Seu trabalho como cenógrafo e figurinista, principalmente pelo balé *O mandarim maravilhoso*, ganha reconhecimento nacional.

A gravura de Lasar Segall não se destaca apenas pela qualidade das obras: ela integra o conjunto de ações do projeto ArteSesc, que visa a criar parcerias entre instituições culturais para difundir e gerar uma reflexão em torno de artistas e da arte brasileira, movimentando o espaço e aprofundando conceitos. É possível enxergar a dimensão da iniciativa através de seus frutos. A mostra já passou por Belo Horizonte, Uberlândia, Teófilo Otoni e chega agora a Juiz de Fora. Para Marcela Yoko, essa adesão ao projeto por parte das instituições faz com que “os centros de cultura comecem a se ver como parceiros, não como concorrentes, o que é primordial para a expansão da arte no país”.

Jéssica Vitorino